

Os impactos da “falta de escuta” em enunciados de pessoas em situação de rua

The impact of the “lack of listening” in utterances of homeless people

Valentina Nicolino Pereira

Universidade de São Paulo (USP)

São Paulo | SP | BR

valentina.nicolino@usp.br

<https://orcid.org/0000-0001-9149-4939>

Sheila Vieira de Camargo Grillo

Universidade de São Paulo (USP)

São Paulo | SP | BR

CNPq

sheilagrillo@usp.br

<https://orcid.org/0000-0003-0480-2660>

Resumo: O presente artigo tem como objetivo compreender quais são os possíveis impactos da marginalização social em enunciados e interações discursivas de pessoas em situação de rua, com destaque para a denominada “falta de escuta”. O *corpus* analisado é composto pelas transcrições de depoimentos de pessoas em situação de rua, registrados em forma de vídeo pela ONG SP Invisível. A análise foi pautada no método sociológico apresentado por Volóchinov em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem, enquanto as transcrições foram feitas de acordo com as normas do Projeto NURC, que permitem o registro de aspectos verbais e extraverbais dos enunciados. Os resultados apontam que a marginalização social e a menor ocorrência de interações discursivas não prejudicam o endereçamento e a inscrição do locutor em seu enunciado, bem como a organização do conteúdo temático e da construção composicional.

Palavras-chave: enunciado; endereçamento; marginalização; falta de escuta.

Abstract: The article aims to understand what are the possible impacts of social marginalization by analyzing utterances and discursive interactions of homeless people, especially the “lack of listening”. The analyzed *corpus* is composed of transcripts of testimonials from homeless people, recorded in video format by the NGO SP Invisível. The analysis was based on the sociological method presented by Voloshinov in *Marxism and Philosophy of Language*, while the transcriptions were made according to the rules of the NURC Project, which



allow the recording of verbal and extraverbal aspects of utterances. The results indicate that social marginalization and the lower occurrence of discursive interactions do not affect the speakers' addressing and self inscription in their utterances, as well as the thematic content organization and compositional construction.

Keywords: utterance; addressing; marginalization; lack of listening.

1 Introdução

A história brasileira é permeada pela desigualdade social e pela marginalização de minorias sociais. Ao analisarmos a frágil relação entre classes na nossa sociedade, percebemos que, com a chegada da Família Real ao Rio de Janeiro, no século XIX, projetos higienistas são articulados de forma a “limpar” o centro da cidade (Rozendo; Rozendo, 2012, p.19). Nesse contexto, a população em situação de rua se torna alvo de encarceramento e internação obrigatória – as pessoas em situação de rua passam a ser culpadas pela promiscuidade, vadiagem e proliferação de doenças.

Embora a aporofobia seja um conceito recente e referente à discriminação de pessoas de classes baixas e em situação de vulnerabilidade social, é fundamental compreender as nuances dessa opressão. Pessoas em situação de vulnerabilidade social são numerosas o suficiente para ocuparem diferentes espaços, de forma que sua presença no cotidiano social não seja totalmente apagada. Entretanto, na sociedade brasileira, apesar da população mais pobre frequentemente ter seus direitos violados (seja pelo Estado, seja por organizações privadas, seja por classes sociais mais abastadas), não podemos presumir que classes sociais vulneráveis são apenas uma massa amorfa, sem particularidades e necessidades específicas.

Considerando que os indivíduos em situação de rua são frequentemente excluídos dos estudos da linguagem e das investigações linguísticas conduzidas por pesquisadores, o presente artigo tem o objetivo de compreender **quais são os possíveis impactos da marginalização social em enunciados e interações discursivas de pessoas em situação de rua**. Para atingir esse objetivo, foram selecionados vídeos com depoimentos de pessoas em situação de rua da cidade de São Paulo, produzidos pela ONG SP Invisível. Esses vídeos foram analisados na perspectiva estilística proposta por Mikhail Bakhtin (2013[194-]) e complementados por análises gramaticais funcionalistas, que realizam uma descrição do “uso efetivo dos itens da língua” (Moura Neves, 2000, p.14), bem como pelos seguintes conceitos da análise da conversação: turnos conversacionais, interações simétricas e assimétricas¹.

A investigação é baseada, principalmente, nos trabalhos do Círculo de Bakhtin, nos quais a linguagem é abordada em seu contexto social, econômico e histórico. Para realizar

¹ Uma articulação entre o conceito de interação discursiva desenvolvido por Valentin Volóchinov e conceitos da Análise da Conversação já se revelaram produtivos para a análise de diálogos orais e escritos, conforme o trabalho de Beth Brait (2001).

as análises, serão mobilizados os conceitos de enunciado, ouvinte interior, discurso interior, orientação social do enunciado, vivência e gêneros do discurso, que serão apresentados na seção seguinte e acompanhados por reflexões a respeito da falta de escuta às pessoas em situação de rua. analisados na perspectiva estilística proposta por Mikhail Bakhtin (2013[194-]) e complementados por análises gramaticais funcionalistas, que realizam uma descrição do “uso efetivo dos itens da língua” (Moura Neves, 2000, p.14).

2 Conceitos essenciais da obra de Mikhail Bakhtin e do Círculo para esta pesquisa

Para analisar nosso objeto – enunciados de pessoas em situação de rua – é fundamental expormos a perspectiva teórica da investigação. Os conceitos de enunciado, ouvinte interior, discurso interior, orientação social do enunciado, vivência, gêneros do discurso, relações dialógicas de polêmica aberta e velada serão apresentados a partir da análise de textos de Valentin Volóchinov e Mikhail Bakhtin, em ordem cronológica de publicação e considerando o processo de elaboração dos conceitos pelos autores.

Começaremos a exposição pela obra de Valentin Volóchinov. Primeiramente, abordaremos o artigo *A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica* (2019[1926]), pois, por meio dele podemos apreender os seguintes conceitos fundamentais para a análise do *corpus*: a constituição do enunciado, o ouvinte interior, o discurso interior e a orientação social do enunciado. Após a revisão deste, seguimos para *Marxismo e Filosofia da Linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*, onde podemos observar, detalhadamente, como a linguagem e os gêneros discursivos funcionam na sociedade. Então, faremos a revisão da trilogia de artigos *Estilística do discurso literário I, II e III* (2019[1930]), que discute conceitos também presentes nos outros textos.

Em *A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica* (2019[1926]), Valentin Volóchinov discorre sobre a essência social da palavra e sua relação com a situação cotidiana extraverbal em que surgiu.

Como então esse horizonte extraverbal se relaciona com a palavra, isto é, o dito com o não dito?

Em primeiro lugar, está totalmente claro que a palavra aqui não reflete em absoluto a situação extraverbal do mesmo modo que o espelho reflete o objeto. Nesse caso, a palavra tende a *resolver a situação*, atribuindo a ela uma espécie de *conclusão avaliativa*. Com muito mais frequência, o enunciado do cotidiano continua e desenvolve ativamente a situação, bem como traça o plano da ação futura e o organiza. Para nós, é importante outro aspecto do enunciado cotidiano: seja qual for, ele sempre conecta os participantes da situação, como *coparticipantes* que conhecem, compreendem e avaliam a situação do mesmo modo. (Volóchinov, 2019[1926], p.119).

A conclusão avaliativa operada pela palavra, bem como a conexão entre os coparticipantes realizada no enunciado cotidiano apontam para a necessidade de identificar quem se dispõe a compreender e avaliar a condição e o enunciado da pessoa em situação de rua. A partir da proposição de Volóchinov de que o enunciado cotidiano conecta os participantes da situação, observamos na realidade brasileira que poucas pessoas se dispõem a interagir com

essa população marginalizada, visto que no Brasil não existe esforço institucional para acolher esses indivíduos, nem uma real vontade de compreender a pessoa em situação de rua.

Essas considerações podem ser parcialmente discutidas mediante análise do artigo *Estilística do discurso literário I: O que é a linguagem/língua?* (2019[1930]), no qual é esclarecido que a linguagem e a língua surgem da *necessidade comum*. A partir disso, uma possibilidade que levantamos para o motivo de poucas pessoas estarem dispostas a compreender o indivíduo em situação de rua é que este é visto como um estranho em qualquer aspecto. De maneira frequente, a pessoa em situação de rua é percebida como alguém sem traços comuns com indivíduos em melhores situações sociais. A suposta falta da *necessidade comum* seria um entrave para a comunicação.

A “falta de escuta” (e desigualdades sociais em geral) surge quando uma das partes acredita que suas necessidades e seus objetivos são divergentes e mais importantes – o que a levaria a desconsiderar as necessidades primárias como alimentação, alojamento, acesso à cultura, entre outras. Nesse sentido, as pessoas de outras classes sociais enxergariam motivos para dialogar com pessoas em situação de rua? Esse questionamento surge com a constatação de que o diálogo e os gêneros discursivos cotidianos são com frequência ligados à realidade material do homem, pois “a comunicação verbal sempre está ligada, como veremos adiante, às condições da vida real, às ações (atos) reais do homem: de trabalho, de culto (rituais), lúdicos e de outros tipos” (Volóchinov, 2019[1930], p.252).

A população em situação de rua, apesar de ter necessidades compartilhadas, se organiza em grupos fragmentados, o que dificultaria uma reivindicação de direitos. Entretanto, como essa fragmentação, somada à exclusão social, se apresenta nos enunciados e nas interações discursivas dos indivíduos em situação de rua? Lembremos também que a exclusão da pessoa em situação de rua não prejudica somente o diálogo face a face, mas também seu acesso à literatura, ao jornalismo e a textos em geral. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (2017[1930]), Valentin Volóchinov discorre sobre os dois polos de vivência: a “vivência do eu” e a “vivência do nós”.

O primeiro conceito – “vivência do eu” – é caracterizado pela perda da forma ideológica, das orientações sociais e até mesmo da forma verbal, sendo semelhante à reação fisiológica de um animal. Já o segundo – “vivência do nós” – é sustentado por uma orientação social firme, unida e organizada, e o indivíduo inserido nesse contexto terá um mundo interior mais complexo.

Suponhamos que um faminto tome consciência de sua fome em uma multidão desunida de famintos ocasionais (um azarado, um mendigo etc.). A vivência desse solitário marginalizado terá um tom específico e tenderá a certas formas ideológicas, cuja amplitude pode ser bastante vasta: resignação, vergonha, inveja e outros tons valorativos marcarão sua vivência. Esta irá se desenvolver na direção das formas ideológicas correspondentes: o protesto individualista de um miserável ou a resignação mística penitente. (Volóchinov, 2017[1930], p.209)

O fragmento acima esclarece que a “vivência do nós” não é imutável e se manifesta de diversas formas, além de destacar como as pessoas em situação de rua não conseguem se manter em grandes grupos de forma consistente, pois seu contexto social é deveras instável. Ademais, por meio desses conceitos, podemos perceber de forma acurada como a linguagem é entrelaçada com a coletividade humana e suas atividades, como a política,

as artes e o trabalho, involuntariamente contribuindo para a divisão de classes e estratos (Volóchinov, 2019[1930], p.250).

Esse apontamento não significa, entretanto, que uma sociedade se divide de forma extremamente rígida e não há interação entre indivíduos de diferentes classes, diferentes ocupações, e assim por diante. O principal ponto é que essas diferenças materiais acarretam em diferenças na comunicação, o que pode ser esclarecido pelo artigo *A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica*:

Obviamente, a palavra na vida não é autossuficiente. Ela surge da situação cotidiana extraverbal e mantém uma relação muito estreita com ela. Mais do que isso, a palavra é completada diretamente pela própria vida e não pode ser separada dela sem que o seu sentido seja perdido. (Volóchinov, 2019[1926], p. 117)

Com isso, compreendemos que a população em situação de rua é isolada das mais diversas situações cotidianas, e é rechaçada quando se insere em alguma – como frequentar espaços públicos, estabelecimentos comerciais, ou utilizar transporte público. Esse isolamento, marcado pela discriminação, faz com que o indivíduo em situação de rua sofra de forma mais intensa com a divisão social de classes. A respeito disso, devemos considerar o que Volóchinov abordou em *Marxismo e Filosofia da Linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico para a ciência da linguagem*:

Como sabemos, todo signo surge entre indivíduos socialmente organizados no processo de sua interação. Portanto, *as formas do signo são condicionadas, antes de tudo, tanto pela organização social desses indivíduos quanto pelas condições mais próximas da sua interação*. (Volóchinov, 2017[1930], p.109, grifos meus)

Entendemos que, no caso de indivíduos em situação de rua, o peso da divisão de classes tem forte influência nas interações discursivas. Devemos considerar, entretanto, que a “falta de escuta” apontada na pesquisa não se resume apenas ao silêncio. Em *Os gêneros do discurso*, Bakhtin considera o silêncio como uma possível resposta ao enunciado do falante – entretanto, o ouvinte que escuta e entende o enunciado irá apresentar uma resposta em algum momento, seja no próprio discurso ou pelo seu comportamento. A questão hierárquica ou a orientação social do enunciado também é tratada por Bakhtin em *Os gêneros do discurso*.

A posição social, o título e o peso do destinatário, refletidos nos destinatários dos campos cotidianos e oficiais, são de índole especial. Nas condições de um regime de classes e particularmente de castas, observa-se uma excepcional diferenciação dos gêneros do discurso e respectivos estilos em função do título, da categoria, da patente, do peso da fortuna e do peso social, da idade do destinatário e da respectiva posição do próprio falante (ou de quem escreve). (Bakhtin, 2016[1952-3], p.64)

Por fim, os conceitos de polêmica velada e polêmica aberta, desenvolvidos por Mikhail Bakhtin no livro *Problemas da poética de Dostoiévski* (2010[1963]) orientarão a análise de fragmentos de vídeos que compõem o *corpus* desta pesquisa. Bakhtin assim define esses dois conceitos:

A polêmica aberta está simplesmente orientada para o discurso refutável do outro, que é o seu objeto. Já a polêmica velada está orientada para um objeto

habitual, nomeando-o, representando-o, enunciando-o, e só indiretamente ataca o discurso do outro, entrando em conflito com ele como no próprio objeto. (Bakhtin, 2010[1963], p.224)

Essas duas modalidades de relações dialógicas, claramente definidas no fragmento acima, se fazem presentes em depoimentos à frente analisados.

Nesta seção, a exposição dos conceitos formulados por Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov foi acompanhada por reflexões a respeito da falta de escuta às pessoas em situação de rua, a fim de mostrar a relevância do quadro teórico para a análise de enunciados da população em vulnerabilidade social. No entanto, faltou abordar o relativamente recente conceito de aporofobia, o que será feito na sequência.

3 Aporofobia e marginalização social

Além das obras produzidas por integrantes do Círculo, utilizaremos também a obra *Aporofobia, a aversão ao pobre*, de Adela Cortina, filósofa espanhola que analisa as origens e as consequências da aporofobia. O que tratamos como “falta de escuta” é a atitude cotidiana, por parte do ouvinte, de ignorar e não dar ouvidos ao enunciado da pessoa em situação de vulnerabilidade social – aqui em especial da pessoa em situação de rua. Se o silêncio compõe interações discursivas, ele não pode ser considerado única e necessariamente como rejeição aos enunciados de indivíduos em situação de rua. Como observado antes, esse comportamento do ouvinte é, possivelmente, fruto de preconceitos contra indivíduos em situação de rua. Isso é apontado por Cortina:

Ante qualquer oferta explícita ou implícita, a pergunta que alguém se faz a si mesmo como destinatário é: “e eu, o que ganho com isso?”. Somos seres de carências e necessitamos supri-las com a educação, mas também com o que os demais podem nos dar. Desta necessidade, nasce o Estado de Direito, que dizem assegurar proteção se cumprirmos com nossos deveres e responsabilidades. Dela nascem as grandes instituições do mundo político, econômico e cultural, com o compromisso de cuidar dos cidadãos, que sempre são vulneráveis. Porém, os pobres parecem quebrar esse jogo de dar e receber, porque nossa mente calculadora percebe que não vão trazer mais que problemas em troca, e, por isso, prospera a tendência de excluí-los. (Cortina, 2020, p. 19)

Quando abordamos a rejeição da pessoa em situação de rua por parte de indivíduos inseridos em classes sociais diversas, devemos considerar que estas, muitas vezes, colocam-se como superiores por conta de sua classe social. Com isso, uma pessoa extremamente pobre pode se sentir hierarquicamente superior a uma pessoa em situação de rua, pois ainda tem certo privilégio; ela não percebe que, em certo grau, ambas sofrem discriminação classista.

Com a acentuada diferença social e econômica entre classes, a convivência humana é permeada por diferentes violências: enquanto pessoas em situação de rua sofrem discriminação e marginalização extrema, também cometem delitos, muitas vezes para sobreviver ou como consequência de abuso de substâncias ou transtornos mentais não tratados. Entendemos que a falta de escuta está ligada a diversos aspectos da marginalização social,

então o destaque ao medo não é a culpabilização dos indivíduos em situação de rua ou responsabilização de indivíduos de classes sociais mais abastadas. A desigualdade social não é uma responsabilidade individual, mas coletiva, e principalmente estatal.

4 Metodologia e corpus

Em um cenário de marginalização, entidades beneficentes e ONGs auxiliam populações em vulnerabilidade social. A ONG SP Invisível, criada em 2014, realiza atendimentos para indivíduos em situação de rua na cidade de São Paulo. Como forma de divulgar a extensão do problema, os membros da ONG entrevistam pessoas em situação de rua; os depoimentos são posteriormente compartilhados em redes sociais. A partir dessas entrevistas, selecionamos um *corpus* de quatro vídeos, com o propósito de compreender quais são os possíveis impactos da marginalização social em enunciados e interações discursivas de pessoas em situação de rua.

Quadro 1 – Título e links dos vídeos selecionados

Vídeos selecionados
“Eu perdi a alegria em viver” - 24/11/2021 https://youtu.be/A6sd4wla544
Morando na rua, como é o Natal? - 30/11/2021 https://youtu.be/4nN4ZFFkbk8
José, um idoso morando na rua - 16/02/2022 https://youtu.be/cd6TkWyVlp4
A vida da mulher morando na rua - 08/03/2022 https://youtu.be/YX_oSWshgXc

Fonte: elaboração própria.

A seleção dos vídeos que compõem o *corpus* do artigo foi orientada por dois critérios: primeiramente, escolhemos vídeos produzidos durante o período pandêmico (2021 e início de 2022), por ser um momento de rupturas sociais, econômicas e políticas, em que ocorreu o aumento de desigualdades sociais, catalisadoras da falta de escuta; em seguida, a escolha dos quatro enunciados se pautou na diversidade de idade, gênero e raça dos entrevistados.

Os conceitos expostos dão clareza aos aspectos da linguagem que buscamos explorar no artigo. Assim, faz sentido que, na análise do *corpus*, seja usado o método sociológico apresentado por Volóchinov:

- 1) *Não se pode isolar a ideologia da realidade material do signo* (ao inseri-la na “consciência” ou em outros campos instáveis e imprecisos);
 - 2) *Não se pode isolar o signo das formas concretas da comunicação social* (pois o signo é uma parte da comunicação social organizada e não existe, como tal, fora dela, pois se tornaria um simples objeto físico);
 - 3) *Não se pode isolar a comunicação e suas formas da base material.*
- (Volóchinov, 2017[1930] p.110)

As categorias de análise dos vídeos compreendem tanto os aspectos verbais, analisados na perspectiva estilística proposta por Mikhail Bakhtin (2013[194-]) e complementados por análises gramaticais funcionalistas, que realizam uma descrição do “uso efetivo dos itens da língua” (Moura Neves, 2000, p.14), quanto os aspectos extraverbais dos enunciados, a saber:

- ◆ Presença ou ausência de endereçamento dos enunciados (vocativos, pronomes de segunda pessoa)
- ◆ A inscrição do locutor em seu enunciado (pronomes de primeira pessoa, conjugação verbal em primeira pessoa, auto-referências ao locutor, exposição de posições pessoais)
- ◆ A organização do conteúdo temático do enunciado (seleção e precisão de temas, ordenamento, valoração, grau de profundidade)
- ◆ A construção composicional dos enunciados (presença ou ausência de réplicas/tornos, enunciados monológicos)

5 Análise dos depoimentos

O gênero “depoimento” está presente em diversas esferas discursivas (como na esfera jurídica, jornalística, entre outras), e pode ser entendido como a expressão, oral ou escrita, de uma experiência pessoal de seu locutor. Por ser um gênero mais frequente na esfera jurídica, grande parte dos estudos sobre depoimentos tratam de enunciados de tal esfera; apesar do contexto diferente do que analisamos nesta pesquisa, algumas observações desses estudos podem ser valiosas para nós. Gabler (1997, p.137) aponta que o depoimento é a fusão do *contar* com o *ser entrevistado*, o que muitas vezes prejudica a linearidade dos fatos expostos. Essa particularidade do gênero tem relação direta com o contexto do depoimento e seus aspectos extraverbais. No nosso *corpus* podemos observar, mais adiante, que a relação entre voluntários e indivíduos em situação de rua é amigável e o discurso é franco, sem preocupação excessiva com a forma.

No presente artigo, os depoimentos utilizados foram enunciados por pessoas em situação de rua, em vídeos produzidos pela ONG SP Invisível, focada em assistência social. Uma vez que o objetivo primário desses vídeos é a divulgação e a conscientização acerca dos problemas enfrentados pela população em situação de rua, consideramos que os depoimentos refletem não somente as experiências pessoais dos locutores, mas também o projeto proposto pela ONG, ou seja, os enunciados produzidos pelas pessoas em situação de rua nos depoimentos são parte de uma relação dialógica com a organização.

Entendemos que os primeiros destinatários dos enunciados presentes nos depoimentos são membros da ONG SP Invisível, que buscam estabelecer interações discursivas com pessoas em situação de rua não apenas para colher depoimentos, mas também para dar continuidade ao projeto de assistência social ao entender, por meio das interações, quais são as necessidades individuais e coletivas das pessoas em situação de rua. Os depoimentos são

colhidos durante ações da ONG, em espaços públicos como praças e parques, na cidade de São Paulo, foco de atuação da organização.

Por meio da transcrição dos vídeos é possível, inicialmente, observar os aspectos verbais dos enunciados produzidos por pessoas em situação de rua e, para isso, optamos por utilizar as normas de transcrição do Projeto NURC por duas razões: 1) visam a análise dos aspectos constitutivos de textos ou enunciados orais, nossa área de pesquisa; e 2) permitem conservar, nas transcrições, alguns aspectos extraverbais dos enunciados, como entonação, manifestações como gestos manuais, risada, choro, aspectos esses descritos por Valentin Volóchinov no artigo *Estilística do discurso literário II: A Construção do Enunciado* (2019[1930]).

6 Presença ou ausência de endereçamento dos enunciados

Para um entendimento detalhado de como os aspectos verbais estão presentes nos enunciados de pessoas em situação de rua, optamos por analisar cada categoria separadamente. Começaremos pela presença ou ausência de endereçamento dos enunciados, pois assim poderemos observar com mais clareza a relação dialógica entre os indivíduos em situação de rua e os integrantes da ONG SP Invisível. A seguir, analisaremos diversos trechos dos depoimentos com indícios de endereçamento e apontaremos suas características.

- (1) eu acho que nenhu::ma de nós aqui estamos capaciTAda pra ter eh:: autodeFEsa né e aqui:: eh não tem como aqui não escapa ou você é/ sofre violências como eu disse por parte da populaÇÃO... (Depoimento de Maria Solange, mulher em situação de rua, retirado do vídeo *A vida da mulher morando na rua*, produzido pela ONG SP Invisível, grifo meu)
- (2) então se eu tiver acompanhada em qualquer lugar eles RESpeiTA porque tem um homem lá perto... até se dormir você do meu lado vão respeitar... agora se você encostar sozinha com uma manta aí já veio várias pessoas te oferece beBida DROga aí perguntam se você quer um carinho aí já é outra forma... (Depoimento de Regiane Cristina, mulher em situação de rua, retirado do vídeo *A vida da mulher morando na rua*, produzido pela ONG SP Invisível, grifos meus)
- (3) se você falasse que tem uma COZInha lá pra VOCÊ cozinhar... aí todo mundo quer ir... você faz o que você quer coMER cê MEXE na onde você quer mexer... e você tem um banheiro pra você se higienizar porque a maioria - ontem tinha duas aqui que queria SÓ toma banho eu dei o galão... (Depoimento de Regiane Cristina, mulher em situação de rua, retirado do vídeo *A vida da mulher morando na rua*, produzido pela ONG SP Invisível, grifos meus)
- (4) as pessoas olhando ehn diferENTE né porque você é mulher sozinha na rua... com os olhos de OUtras ehn malícia né vamo dizer... (Depoimento de Gabriela de Souza, mulher em situação de rua, retirado do vídeo *A vida da mulher morando na rua*, produzido pela ONG SP Invisível, grifo meu)
- (5) Al é mais medo né porque você é MULher:: é ser mais FRÁgil né e o homem tem uma força maiOR for/ mais forte do que eu e você né... (Depoimento de Gabriela de Souza,

mulher em situação de rua, retirado do vídeo *A vida da mulher morando na rua*, produzido pela ONG SP Invisível, grifos meus)

- (6) mas tem cara que não respeita... **cê** entendeu a roupa que **tu** usa **te** julga muito na rua... (Depoimento de Thaís, mulher em situação de rua, retirado do vídeo *“Eu perdi a alegria em viver”*, produzido pela ONG SP Invisível, grifos meus)
- (7) eu não NÉ que eu comentei um dia com a minha:: ex-esPOsa - acho que dois mil e tre::ze **cara** - eu falei pra ela “eu nunca tive uma árvore de Natal”... nunca... (Depoimento de Fábio, indivíduo em situação de rua, retirado do vídeo *Morando na rua, como é o Natal?*, produzido pela ONG SP Invisível, grifo meu)
- (8) então:: eu lembrei da Árvore de NATal::... que eu **te** falei... da primeira árvore de Natal... (Depoimento de Fábio, indivíduo em situação de rua, retirado do vídeo *Morando na rua, como é o Natal?*, produzido pela ONG SP Invisível, grifo meu)
- (9) cada um vai pega um dinheiro e junta:: compra umas bebida:: compra umas CArnes faz um churras::quinho bota uma MÚsica::... a gente brinca:: dança:: e assim a gente leva a vida **irmão** (Depoimento de Ulisses, indivíduo em situação de rua, retirado do vídeo *Morando na rua, como é o Natal?*, produzido pela ONG SP Invisível, grifo meu)

Podemos observar a presença de endereçamento nos enunciados acima por meio do uso de vocativos e pronomes de segunda pessoa. A maior parte dos enunciados faz uso do pronome “você”, enquanto alguns são marcados pelo uso de gíria (“assim a gente leva a vida **irmão**”) e pelo uso do pronome “te” (“eu lembrei da Árvore de NATal::... que eu **te** falei...”).

Observamos também que os enunciados carregam tom informal (pelo uso do pronome “você”, sua variação “cê” e de gíria como vocativo), apesar da diferença de classe social entre os falantes. Consideramos que o tom informal é uma forma de aproximação entre os voluntários da ONG SP Invisível e os indivíduos em situação de rua, para que haja compreensão entre as necessidades e vontades de cada uma das partes. Não existem, nos enunciados dos indivíduos em situação de rua, indícios de que os interlocutores estejam em uma posição hierárquica superior.

Acreditamos que parte da relação dialógica entre voluntários e assistidos se dá pelo entendimento da *necessidade comum* dos participantes do diálogo. A linguagem, assim como a alimentação, a saúde, o lazer, dentre outras coisas, é uma necessidade comum a todos os indivíduos. Para grande parte da população, as pessoas em situação de rua são alheias às necessidades de classes sociais mais abastadas, o que torna esses indivíduos *estranhos* – como forasteiros em seu próprio país. Mas aos voluntários da ONG, essas diferenças são apaziguadas, o que torna mais humano seu relacionamento com pessoas em vulnerabilidade social. Logo, a orientação social dos enunciados aqui analisados não se molda pelo peso hierárquico dos interlocutores, mas sim pela receptividade com o projeto proposto pela ONG SP Invisível, o que leva a uma escolha de pronomes e vocativos considerados informais.

Nos fragmentos 1, 2, 3, 4 e 5, observamos que o uso do pronome “você” acontece também durante a descrição de cenários hipotéticos ou para descrever situações frequentes que ocorrem com a população em situação de rua.

Embora a definição mais comum de segunda pessoa (tu/você) seja a pessoa à qual a primeira pessoa se dirige, em muitos casos acima o “você” não designa o interlocutor, mas

remete ao impessoalizador “eu, “a gente”, “qualquer pessoa naquela situação”². Nesse caso, temos o uso do “você” de maneira genérica, indeterminada (Moura Neves, 2000, p. 463).

Consideramos que o uso do pronome “você” nesse tipo de descrição é uma forma de estimular a identificação, ou empatia, por parte do interlocutor, para que este consiga entender determinadas necessidades dos indivíduos em situação de rua. Essa escolha de construção do enunciado é novamente um reflexo da relação amigável entre os voluntários e os assistidos, que se mostram confortáveis em expor situações desfavoráveis para que haja maior compreensão de sua posição social. Essa forma de tratamento é abordada por Bakhtin:

Matizes mais sutis do estilo são determinados pela índole e pelo grau de proximidade *pessoal* do destinatário em relação ao falante nos diversos gêneros familiares de discurso, por um lado, e íntimos, por outro. A despeito de toda a imensa diferença entre os gêneros familiares e íntimos (e, respectivamente, os estilos), eles percebem igualmente o seu destinatário em maior ou menor grau fora do âmbito da hierarquia social e das convenções sociais, por assim dizer, “sem classes”. (Bakhtin, 2016[1952-3], p. 65)

Entre os enunciados selecionados, existem dois com uso de gíria (“acho que dois mil e treze **cara**” / “e assim a gente leva a vida **irmão**”), que refletem o estilo particular dos falantes. Entendemos que, com a comunicação informal entre os voluntários e os indivíduos em situação de rua, o uso desse tipo de léxico reflete também o caráter descontraído do momento em que os depoimentos são colhidos.

7 A inscrição do locutor em seu enunciado

Agora que já analisamos o endereçamento em enunciados de pessoas em situação de rua, prosseguiremos para a análise da inscrição do locutor em seu enunciado. Selecionamos alguns enunciados com indícios dessa inscrição (pronomes de primeira pessoa, conjugação verbal em primeira pessoa, auto-referências e exposição de posições pessoais) para pautar a análise. Entendemos que a inscrição do locutor em seu enunciado é parte *integrante* do gênero depoimento, pois os enunciados desse gênero abordam experiências pessoais, ou seja, exigem que o locutor fale sobre si mesmo e sobre sua perspectiva de determinado assunto.

- (1) **eu considero** ehn **eu** estar em situação de rua desde o dia vinte e um de junho de dois mil e CINco que foi o momento que **eu sofri** o último ação de despejo do apartamento que **eu morava**... e **eu** nunca mais ehn **consegui** locar nenhum imóvel ehn **pra mim** te/ **pra mim** obter um endereço... **eu dormi** dois anos aqui na::... na rua Peixoto Gomide numa marquise de um:: de uma clínica... e um rapaz morador se aproximou de **mim** () claramente se via que ele tava alterado por uso de de substâncias psicoativas... mas **eu tinha** na época uma:: lanTERna que fazia barulho... **eu tenho vergonha da sociedade** que **eu**... que **eu** que **eu estou eh compondo** nesse momento porque em nenhum MOMENTO aqui em nenhum moMENTo foram RARÍSSImas as pessoas que se comoveram que se

² Segundo Ataliba Castilho (2010, p. 193), no português brasileiro “No tratamento usa-se você quando há intimidade, e o *senhor* nas situações formais. Essa forma continua a alterar-se, surgindo *ocê* e *cê*.”

solidarizaram que pensaram em mim enquanto ser humano aqui sempre me viram como moradora de rua ou uma mulher louca mulher dos cachorros (Depoimento de Maria Solange, mulher em situação de rua, retirado do vídeo *A vida da mulher morando na rua*, produzido pela ONG SP Invisível, grifos meus)

- (2) ele já entra já faz a higiene porque uma garrafinha de dois litros ele faz a higiene e boa... e ali ele tá legal... eu uso duas garrafinha ainda não dá... e ainda eu saio com vergonha porque eu tenho que limpar o banheiro TOdo da onde que a gente usou... já:: já fui abusada::da:: já quase levei um TIRO mas eu levei um::... tipo QUase uma facada na perna... ele só queria mesmo DORmir no mesmo espaço que EU... só que aí como ele começou a passa a mão na minha perna eu achei de outra forma... (Depoimento de Regiane Cristina, mulher em situação de rua, retirado do vídeo *A vida da mulher morando na rua*, produzido pela ONG SP Invisível, grifos meus)
- (3) eu tava passando no Parque Dom Pedro que eu eu bebia cachaça fui compra um corotinho né tava MÓ frio aí um cara me puxou assim pra dentro do mato assim começou a me bater bater bateu bateu nos meus óio::... ficou roxo eu comecei a gritar eu quase fui esturpada () esse foi o pior dia da minha vida... eles pensa muito que qualQUER uma que tá no meio da rua que tá se prostituindo má num é assim... tem umas que fica na rua porque precisa né... Al é mais medo né porque você é MULHER:: é ser mais FRÁgil né e o homem tem uma força maiOR for/ mais forte do que eu e você né... (Depoimento de Gabriela de Souza, mulher em situação de rua, retirado do vídeo *A vida da mulher morando na rua*, produzido pela ONG SP Invisível, grifos meus)
- (4) esses e OUTros DETalhes me fez com que eu procurasse sempre dormir só lon::ge dos homens::... eu cheguei a conviver com um::... um homem sem gosTA... pra ter companhia pra não poder dormir só... (Depoimento de Maria do Carmo, mulher em situação de rua, retirado do vídeo *A vida da mulher morando na rua*, produzido pela ONG SP Invisível, grifos meus)
- (5) aconteceu que eu aluguei um quarto lá na Princesa Isabel aluguei um quarto e fiquei oito ano morando lá... e agora o prefeito derrubou o meu quarto vendeu o meu prédio para Porto Seguro fazer uma faculdade e nós fomo espiRRado né... fomo espirrado e agora:: num me deram nenhum tipo de orientação... e lá a gente tinha um um telhadinho né agora perdemo esse telhadinho tamo como BUDA né aquele filósofo hindu Buda morou cem ano embaixo de uma árvore ((aponta para cima)) eu tô igual o Buda agora... nós somos discriminado até pela nossa igreja né... quer dizer POde entrar os PMs os polícia vão lá no banheiro vai os burgueses que têm apartamento mas nós os pé de chinelo eles não permite que nós entre... eu já sofri discriminação de tudo que é tipo... eu como EX seminarista eu aprendi a amar as pessoas por aque/ o que as pessoas são diante de Deus e da:: da da grande escritura... agora eu passei a corrigir aquela minha inclinação errada entendeu então nós somos assim se nós não se/ não tivermos orientação espiritual a gente passa naturalmente a num gostar DESse a detestar aquele a num aceitar aquele outro... (Depoimento de José, indivíduo em situação de rua, retirado do vídeo *José, um idoso morando na rua*, produzido pela ONG SP Invisível, grifos meus)

- (6) pra **mim** a maior dificuldade é que **eu tinha** uma casa **eu tinha** um lar **eu tinha** uma vida... **larguei** tudo por esse cara... **eu sou:: eu sou... fui divulgadora fui copeira no DHPP... cozinheira no num italiano (da) Heitor Penteado... eu sou** humilde... humilde acima de tudo... já **ERREI** muito na vida... já **fiz** muiTA coisa erraDA... mas entre erros e acertos **eu** já **sofri** muito TAMbém por confiar em pessoas erradas... **dei** muito meu coração **dei** minha vida SÓ me **ferrEI**... HOje hoje **eu sou uma Thaís amarga amargurada...** sem vontade de viver... que tiraram o que **eu tinha** mais de precioso foi minha filha... (Depoimento de Thaís, mulher em situação de rua, retirado do vídeo “*Eu perdi a alegria em viver*”, produzido pela ONG SP Invisível, grifos meus)
- (7) **meu MELHOR natal foi em oitenta e nove... eu tava** com a minha família inteira com meus AVÓS com a minha mãe:: com meu pai::... quando **eu tinha aquela Visão...** do Natal memo de verdade que a família era unida... (Depoimento de Anderson, indivíduo em situação de rua, retirado do vídeo *Morando na rua, como é o Natal?*, produzido pela ONG SP Invisível, grifos meus)
- (8) isso aqui que **a gente fez** hoje... me fez tipo:: sei LÁ:: fala-se muito do esPÍrito natalino é como se **eu... tô VENdo** de novo sabe é legAL gosTO::so:: e **eu** nunca tinha visto isso na ru::a::... (Depoimento de Fábio, indivíduo em situação de rua, retirado do vídeo *Morando na rua, como é o Natal?*, produzido pela ONG SP Invisível, grifos meus)

Os fragmentos selecionados dos enunciados fazem claro uso de pronomes pessoais e possessivos de primeira pessoa bem como das flexões verbais, entretanto diferem no que diz respeito à auto-referência do locutor e à expressão de posições pessoais. Em certos trechos, os falantes apontam aspectos de sua condição enquanto pessoas em situação de rua, como nos fragmentos 1 e 5.

Nesses trechos, os locutores expressam descontentamento e sentimento de injustiça em relação às discriminações sofridas, com consciência da influência de classe nesse comportamento (“quer dizer POde entrar os PMs os polícia vão lá no banheiro vai os burgueses que têm apartamento mas nós os pé de chinelo eles não permite que nós entre”). Podemos relacionar essa consciência ao conceito de “vivência do nós”, estabelecido por Volóchinov.

A “vivência do nós” não é de modo algum uma vivência gregária primitiva: ela é diferenciada. Mais do que isso, a diferenciação ideológica e o aumento da consciência são diretamente proporcionais à firmeza e à convicção da orientação social. Quanto mais unida, organizada e diferenciada for a coletividade na qual se orienta um indivíduo, tanto mais diversificado e complexo será seu mundo interior. Existem diferentes graus da “vivência do nós” e suas formas ideológicas podem se manifestar de vários modos. (Volóchinov, 2017[1930], p.208-209)

Apesar de indivíduos em situação de rua se organizarem em pequenos grupos, sua coletividade ainda é muito frágil pela condição social e econômica em que se encontram, o que não impede a manifestação da “vivência do nós”, como pontuado por Volóchinov. Nos enunciados em que é expressada a consciência sobre a aporofobia³, os locutores demonstram

³ Aporofobia: termo que designa a aversão e o preconceito contra pessoas pobres; seu uso não se limita à população em situação de rua, envolvendo diversas classes sociais em vulnerabilidade econômica. Seu primeiro uso data de 1995, pela filósofa espanhola Adela Cortina. (Cortina, 2020, p.26).

também noção de que se encaixam em uma coletividade (“eu tenho vergonha da sociedade que eu... que eu que eu estou eh compondo” / “nós os pé de chinelo eles não permite que nóis entre”), o que expressa o entendimento (por parte dos locutores) de que sua condição social não existe e não ocorre de forma individual, separada de outros fenômenos sociais, ou ainda que são culpados pela situação de rua.

A consciência da vulnerabilidade do indivíduo em situação de rua também se manifesta em relação a outros tipos de violência, como o abuso sexual. Nos fragmentos 5, 6 e 7, as locutoras relatam experiências frequentes como *mulheres* em situação de rua.

As experiências expostas por essas mulheres moldaram sua posição pessoal em relação ao convívio com homens. Com isso, identificamos outro aspecto para o conceito de “vivência do nós”: o reconhecimento, entre as mulheres em situação de rua, de que são mais vulneráveis a determinadas situações que homens não enfrentam, ou confrontam em menor escala.

A ideia de coletividade feminina é expressa em alguns trechos selecionados com o uso do pronome “nós” e da expressão “eu e você”. No fragmento 3, no trecho “você é MULher:: é ser mais FRÁgil” também identificamos que a mulher, tanto no âmbito individual quanto coletivo, é entendida como alguém suscetível às violências proporcionadas pelo sexismo. O uso do “você” nesse trecho revela tanto o endereçamento quanto o uso indeterminado – no primeiro uso a locutora utiliza o pronome para falar de forma genérica sobre a mulher enquanto ser social (você é MULher:: é ser mais FRÁgil né); já o segundo uso (mais forte do que eu e você né...) expressa o endereçamento do enunciado para a assistente social responsável por dialogar com as mulheres participantes do vídeo.

A auto-referência ao locutor é um aspecto que surge de forma muito particular em alguns fragmentos expostos. Em duas ocasiões, temos auto-referências que sinalizam ocupações profissionais dos locutores, nos fragmentos 5 e 6 (eu como EX seminarista/fui divulgadora fui copeira no DHPP... cozinheira).

Nos dois trechos, os locutores justificam algumas de suas características com base em posições que já ocuparam (como trabalhadora e estudante). O trabalho e o estudo podem ser entendidos como base do desenvolvimento da cultura humana, e moldam o comportamento e os hábitos linguísticos de indivíduos inseridos em coletividades.

Já na própria base do desenvolvimento da cultura humana – na atividade laboral – encontra-se a necessidade de união em um grupo, em uma coletividade, criada por meio do cruzamento inicial. Junto com o cruzamento de grupos humanos inteiros (...) ocorreu também o cruzamento de elementos linguísticos, que eram diferentes em cada grupo. (Volóchinov, 2019[1930], p.245-246)

Além da auto-referência à ocupação, em outro enunciado, no fragmento 1, identificamos que a locutora faz referência a si mesma com base nos estereótipos atribuídos a ela, devido a condição de pessoa em situação de rua (“aqui sempre me viram como moradora de rua ou uma mulher louca mulher dos cachorros”).

De forma semelhante, outro locutor se denomina “pé de chinelo”, expressão usada como sinônimo de pessoa em situação de rua ou pertencente a classes econômicas mais baixas, no fragmento 5.

Se, por um lado, essas auto-referências (“nós, os pé de chinelo”) podem ser entendidas como desumanizantes, por outro, podem ser compreendidas como uma manifestação

de que as pessoas em situação de rua têm percepção de sua vulnerabilidade. O uso dessas expressões demonstra, por parte dos locutores, consciência de sua situação socioeconômica e conhecimento de ideias preconceituosas direcionadas à população em situação de rua, bem como do pertencimento a uma coletividade de excluídos.

8 O conteúdo temático dos enunciados

Após entendermos como a presença de destinatário e a inscrição do locutor acontecem em enunciados de pessoas em situação de rua, analisaremos agora a organização do conteúdo temático deles.

(...) a literatura, em seu “conteúdo”, reflete e refrata as reflexões e refrações de outras esferas ideológicas (ética, cognitiva, doutrinas políticas, religião, e assim por diante), ou seja, a literatura reflete, em seu “conteúdo”, a totalidade desse horizonte ideológico, do qual ela é uma parte. (Medviédev, 2012[1928], p. 60)

Apesar de abordar somente a literatura em seu apontamento, Medviédev esclarece como os enunciados são moldados ideologicamente, de forma compatível à realidade concreta do locutor. Por isso, selecionamos trechos de depoimentos separados por tema, com o objetivo de analisar a organização do conteúdo em relação ao tema específico dos enunciados, considerando o contexto em que foram expressos.

Segundo Grillo (2007, p.30), o conteúdo temático reflete o elemento semântico do gênero, ou seja, é a relação entre o enunciado e o objeto de sentido⁴. Essa relação é dotada de ideologia (não existem enunciados “neutros”), então o locutor sempre utiliza o enunciado como um posicionamento, de forma *avaliativa*. Essa avaliação ideológica tem como base a orientação social do enunciado, ou seja, o peso da relação hierárquica entre os interlocutores e sua realidade concreta. Como o *corpus* é constituído por depoimentos, é necessário considerar que os temas principais foram decididos por voluntários da ONG SP Invisível e que os enunciados refletem particularidades da relação dos locutores com esses temas.

8.1 Morando na rua, como é o natal?

No vídeo produzido pela ONG SP Invisível, alguns indivíduos em situação de rua na zona oeste de São Paulo discorrem sobre como é passar o Natal em situação de marginalização extrema, além de recordarem quais foram seus melhores e piores Natais, de acordo com a proposta temática escolhida pelos voluntários da organização.

- (1) Natal é a:: é a época que nós passa mais bem eu acho ((risada))... é a época que nós passa mais bem chega mais doação roupa... ces::ta de alimentaÇÃO... o pessoal para pra conversa mais com a gen::te... que geralmente a gente é invisível perante a sociedade

⁴ Le contenu thématique rend compte de l'élément sémantique du genre, autrement dit du rapport entre l'énoncé et l'objet du sens, ou entre les représentations linguistiques et les référents du monde. (Grillo, 2007, p. 30).

né... (...) **meu MELHOR natal foi em oitenta e nove... eu tava com a minha família inteira com meus AVÓS com a minha mãe:: com meu pai::... quando eu tinha aquela Visão... do Natal memo de verdade que a família era unida...** eu acho que foi em oitenta e nove eu tinha nove anos... desde dois mil e NOve todo Natal eu passo aqui... **porque aqui nós mora anos junto né virou uma FAMília né...** (Depoimento de Anderson, indivíduo em situação de rua, retirado do vídeo *Morando na rua, como é o Natal?*, produzido pela ONG SP Invisível, grifos meus)

- (2) **Natal me lembra família... e quando era criança não Tlve família... depois que eu fiquei grande eu consegui proporcionar:: - que tam::bém a minha mãe não tinha essa condição então:: depois que eu tive família que eu vivi essas coisas...** eu me lembro da minha mãe falando sabe o QUÊ pra mim... no dia de Natal? “filho, vê se você vai pra casa de alguém que hoje não tem comida”... não tem o pior tem um monte de piores Natais... passado mas se eu for falar bicho... dormi cedo pra não sentir fome né... **mamãe nós tudo passou um bocado a minha mãe é uma... é uma vitoriosa... admiro MUIto a minha mãe...** (Depoimento de Fábio, indivíduo em situação de rua, retirado do vídeo *Morando na rua, como é o Natal?*, produzido pela ONG SP Invisível, grifos meus)
- (3) **ah o Natal me lembra muito do meu pai né... porque sempre nessa época do ano... quando meu pai tava vivo ele sempre fazia uma ceia muito linda lá lá que eu morava em Salvador com ele...** aí ele faleceu tem uns Olto anos... ago::ra que eu tô vendo árvore de Natal porque tem um tempo que eu não tenho visto... (Depoimento de Ulisses, indivíduo em situação de rua, retirado do vídeo *Morando na rua, como é o Natal?*, produzido pela ONG SP Invisível)
- (4) **perdi três filhos... num num teve Natal pra mim não existiu... quando eu era solteiro que eu vivia na casa da minha MÃE a gente morava no Sítio... e toda época de Natal a gente fazia as/ se reunia fazia aquelas festinha matava um porco um bode...** certo? e:: esse foi o melhor Natal pra gente... isso era uma comunidade que era dentro da fazenda um sítio que cada um tinha seu pedacinho de terra MUIta casa o pessoal se reunia tudinho na época do Nata::l... fazia aquela ceia maravilhosa... () **apesar que eu num tenho nenhuma família aqui mas agora são TUdo minha família há dois anos que eu tô vindo aqui é bom...** (Depoimento de José, indivíduo em situação de rua, retirado do vídeo *Morando na rua, como é o Natal?*, produzido pela ONG SP Invisível, grifos meus)

Os fragmentos acima foram enunciados em depoimentos motivados pelo tema proposto pela ONG: o período natalino e a relação dos locutores com a época. Observamos que os quatro enunciados trazem, por escolha particular dos locutores, o tema família; a afinidade entre os tópicos pode ser entendida pelo contexto das festas de fim de ano, muitas vezes religiosas, que prezam pela união familiar e a convivência harmoniosa entre diversas pessoas. Nos trechos 3 e 4, os locutores expressam como sua relação com o Natal foi afetada pela perda de parentes, de forma que a desarmonia familiar tem forte impacto em eventos sociais tradicionais de uma sociedade. Por outro lado, os fragmentos 1 e 2 apresentam outras formas de relação entre Natal e família, de forma particular a cada locutor.

No primeiro trecho, o entrevistado associa a presença familiar a uma memória positiva e relacionada ao tópico principal do depoimento, enquanto no segundo a época natalina se conecta com problemas enfrentados pela família, como a insegurança alimentar. Entendemos

que o tema levantado pela ONG (como é passar a época de festas em situação de rua) desperta, nos locutores, sentimentos como saudade, nostalgia e tristeza, ligados ao laço familiar perdido.

Consideramos que as festividades religiosas, na sociedade brasileira, envolvem a família de forma ampla e independente de classe social; a relação pode ser explicada brevemente pelo caráter cristão do país. As avaliações sociais associam o Natal ao relacionamento e à união familiar de forma que datas comemorativas são consideradas momentos de reunião entre parentes. Esse traço religioso e cultural se enraizou profundamente no Brasil, ao ponto que influencia até mesmo indivíduos sem religião ou seguidores de outras crenças.

Essa característica do Natal (e de outras festas tipicamente religiosas) – uma festa para a família – ser tão proeminente a ponto de influenciar os pensamentos e sentimentos de pessoas em situação de rua, nos mostra que esses indivíduos não estão completamente isolados socialmente, mas que sua relação com esse traço cultural é diferente do restante da sociedade.

Os indivíduos também expressam, em seus enunciados, que a união entre pessoas em situação de rua traz a sensação de pertencimento, e remete às relações familiares dos locutores, como expressado no fragmento 1 (“nóis mora anos junto né virou uma FAMília né...”) e no fragmento 4 (“são TUDO minha família há dois anos”).

Podemos entender que, apesar da marginalização social e da sensação de desamparo pela perda e distanciamento familiar, os indivíduos em situação de rua ainda encontram formas de se organizar coletivamente, o que permite sua participação em manifestações culturais, como nesse caso a comemoração do Natal.

Concluimos que, como o restante da população, os indivíduos em situação de rua associam o período natalino à família. O que os diferencia de outros grupos sociais é a perda, em muitos casos, dos laços familiares, que por vezes são substituídos por laços afetivos desenvolvidos com outras pessoas em situação de rua. Esse aspecto pode ser entendido como uma manifestação do conceito de “vivência do nós”, elucidado por Volóchinov:

Suponhamos que o faminto pertença a uma coletividade em que a fome não é ocasional e tem um caráter coletivo, porém a própria coletividade de famintos não possui uma ligação firme e material, isto é, passa fome desunida (...). Uma coletividade assim não possui um corpo material unificado para uma ação unificada. (...) O membro de uma coletividade organizada em termos objetivo-materiais vivencia a fome de modo totalmente diferente. Nesse caso, prevalecerão na vivência tons de protesto ativo e confiante (...). (Volóchinov, 2017[1930], p. 209)

A “vivência do nós” manifestada pelo grupo de locutores se caracteriza como uma coletividade consideravelmente unificada em momentos específicos, como o período natalino, ainda que não tenha as condições materiais ideais para protestar ativamente contra as diversas opressões que enfrentam diariamente.

8.2 A vida da mulher morando na rua

Nesse vídeo, algumas mulheres em situação de rua na região central de São Paulo se encontram com uma assistente social voluntária da ONG SP Invisível, para exporem as principais dificuldades enfrentadas enquanto mulheres em vulnerabilidade social. Os principais temas

tratados pelas locutoras são assédio e violência sexual, dificuldades com higiene pessoal, machismo e aporofobia.

- (1) eu dormi dois anos aqui na::... na rua Peixoto Gomide numa marquise de um:: de uma clínica... e um rapaz morador se aproximou de mim () claramente se via que ele tava alterado por uso de de substâncias psicoativas... **mas eu tinha na época uma:: lanTerna que fazia barulho e dava um choquinho e eu liguei ela e fez um barulho imenso e ele se afastou um pouco de mim**... nossa:: aqui não tem condições:: porque uma/ primeiro eu acho que nenhu::ma de nós aqui estamos capaciTada pra ter eh:: autodeFesa né e aqui:: eh não tem como aqui não escapa **ou você é/ sofre violências como eu disse por parte da populaÇÃO... né os moradores lo::cais os transeun::tes ou pelos próprios morador de rua que a maioria são de sexo masculino e são homens muito machis::tas usuários de á::lcool usuários de outras substâncias psicoativas e eles também estão muito alterados... e eles têm uma imagem de uma mulher como uma mulher PROStituta a mulher que está na RUA como mulher maloqueira mulher prostituta...** (Depoimento de Maria Solange, mulher em situação de rua, retirado do vídeo *A vida da mulher morando na rua*, produzido pela ONG SP Invisível, grifos meus)
- (2) **o homem ele já tem o aCESSo ele já entra:: - que nem o meu esposo - ele já entra já faz a higiene porque uma garrafinha de dois litros ele faz a higiene e boa... e ali ele tá legal...** eu uso duas garrafinha ainda não dá... e ainda eu saio com vergonha porque eu tenho que limpar o banheiro TDo da onde que a gente usou... (...) **fazer a higiene tomar baNHO rapa as/ rapa ((aponta para as axilas)) TAMbém é muito difícil porque... no ponto de acesso que tem pra toma banho eles não deixa levar gillEtte já pra proteção das mulheres mesmo...** pra gente não briga... então:: é uma coisa que a gente vai ter que fazer em algum momento em algum lugar... pro HOMem é mais fácil a gente até ensina mas pra mulHER é muito difícil... (Depoimento de Regiane Cristina, mulher em situação de rua, retirado do vídeo *A vida da mulher morando na rua*, produzido pela ONG SP Invisível, grifo meus)
- (3) **eles pensa muito que qualQUER uma que tá no meio da rua que tá se prostituindo má num é assim... tem umas que fica na rua porque precisa né...** Al é mais medo né porque você é MULher:: é ser mais FRÁgil né e o homem tem uma força maiOR for/ mais forte do que eu e você né... **fala “ah essa daí é uma qualquer NÉ tá no meio da rua saiu de dentro de casa será por QUÊ? deve ser uma qualquer no meio da rua jogada nós pode fazer o que quiser”...** (Depoimento de Gabriela de Souza, mulher em situação de rua, retirado do vídeo *A vida da mulher morando na rua*, produzido pela ONG SP Invisível, grifos meus)
- (4) **eu cheguei a conviver com um::... um homem sem gosTA... pra ter companhia pra não poder dormir só... o homem agressivo ele tem mais medo de bater em outro e numa mulher é fácil né... eles têm mais força e num vai::... num vai::... temer a força de uma mulher...** é um pouco difícil a gente:: encontrar defesa numa hora dessa... pra mulher é mais complicado dormir na RUA do quê os homens... (Depoimento de Maria do Carmo,

mulher em situação de rua, retirado do vídeo *A vida da mulher morando na rua*, produzido pela ONG SP Invisível, grifos meus)

Nos excertos acima, observamos que, embora os homens em situação de rua enfrentem marginalização extrema, eles reproduzem comportamentos presentes no restante da população, ou seja, assediam mulheres e se beneficiam de algumas facilidades em atividades cotidianas, como está expresso no segundo fragmento, em que a locutora explica que homens têm menos complicações em relação à higiene pessoal.

Quando essas mulheres se reconhecem como vítimas de uma violência estrutural⁵, elas se reconhecem simultaneamente como parte de uma sociedade organizada de forma desigual. Suas vivências, que configuram a realidade concreta, influenciam seus enunciados, como no primeiro e no quarto fragmentos, em que as locutoras afirmam que já precisaram se defender de assédio na rua e conviver com um homem para não sofrer violência por parte de outros homens.

O reconhecimento da própria opressão por um grupo marginalizado pode caracterizar uma expressão do conceito de “vivência do nós”; nesse caso, as mulheres em situação de rua, apesar de considerarem a população feminina como suscetível ao sexismo, não relatam tantas ocorrências de união ou defesa coletiva, pois esse comportamento é frequentemente atravessado por outras necessidades individuais que isolam essas mulheres (como abuso de álcool e drogas, relacionamentos abusivos, preocupação com animais de estimação, entre outras possibilidades).

Os homens em situação de rua que assediam mulheres em situação de rua não o fazem por possuírem grandes privilégios ou alguma posição de prestígio que garanta esse poder, mas sim por compartilharem avaliações sociais presentes na sociedade brasileira que possibilitam que o homem seja considerado superior às mulheres. Isso também é exposto pelas mulheres filmadas pela ONG SP Invisível, como no quarto trecho.

8.3 Discriminação e hipocrisia

O fragmento a seguir pertence ao indivíduo em situação de rua José (nome inteiro não divulgado), que foi filmado enquanto conversava com um voluntário da ONG, na Avenida Paulista, para o vídeo *José, um idoso morando na rua*. Seu depoimento aborda principalmente a discriminação contra pessoas em situação de rua, tanto por indivíduos quanto por instituições como a Igreja Católica.

as maiores dificuldades geralmente é a discriminação né por eXemplo... ah o comércio não deixa a gente entrar pra usar o banheiro... **se desconfiar que a gente é pé de chinelo e:: e é da rua eles não deixa entrar... a igreja católica deixa todo mun/ eles têm banheiro lá dentro mas não deixa nós usar... o próprio padre discrimina nós né... nós somos discriminado até pela nossa igreja né...** quer dizer POde entrar os PMs os polícia vão lá no banheiro vai os burgueses que têm apar-

⁵ A ideia de que o sexismo é uma opressão estrutural é apresentada por bell hooks: “a mulher negra, para a qual não existe qualquer ‘outro’ institucionalizado como objeto de exploração, discriminação e opressão, constrói uma experiência vivida que desafia diretamente a estrutura social vigente e sua ideologia sexista, racista e classista.” (2019, p. 46).

tamento mas nós os pé de chinelo eles não permite que nós entre... **mas ISSO aí e escondendo a discriminação são aqueles que a discriminação é PEcado:: mas eles mesmo praticam...** São Bonifácio que é doutor da igreja escrevia «naquilo que tu CONdenas tu igualmente o praticas» então **eles são bons pra criticar a discriminação dos outros né mas eles mesmo pratica a mesma discriminação que eles criticam...** a situação foi assim a gente quer ir/ usar o banheiro pra... mas eles não DElXam eles fala eles FALAM mesmo o segurança fala que maloqueiro de rua rouba o sabonete entra lá rouba o sabonete rouba rouba isso ou rouba aquilo rouba torneira né... é então eles já - de vez em quando aparece na ru/ gente assim que faz isso né mas isso também não é culpa do de todos né então:: mas eles mesmo discrimina nós eles mesmo discrimina... eles dão desCULpa né... “não porque entrou uma maloqueira e roubou o sabo/ o sabonete”... eh “outro mais roubou a torneira” e assim joga a culpa em todos e todos pagam né... eu sendo pobre sou tratado como um um sabe - a gente a gente é - **eu assisti um filme do Canadá em que a imigração das das renas acontece mas o que tiver fora da do grupo da:: o que tiver fora da manada a manada não se preocupa com o destino daquele que tá fora então e e a sociedade pratica a mesma coisa** eles não não se preocupam nem tem preocupação com aquele que não tem dinheiro não tem conta no banco num é:: né bem apresentável é é pé de chinelo:: o:: o catador de papel e assim vai... (...) **eu como EX seminarista eu aprendi a a amar as pessoas por aque/ o que as pessoas são diante de Deus e da:: da da grande escritura... são seres que foram criados por Deus um pode ser judeu outro pode ser árabe aquele outro ali pode ser um um de uma raça diferente da minha... mas eu aceito eu aceito** eu me lembro que o padre Norberto que era meu diretor distrital de seminário - eu tinha treze anos - ele falava “meninos a discri/ a antipatia é uma coisa natural ma/ da natureza humana mas procurem:: gostar uns dos outros” aí tinha um colega lá que chamava Zacarias e eu não ia com a cara do Zacarias porque até o nome dele me soava meio esquisito Zacarias né? aí... **quando o padre falou isso aí eu procurei parti/ partilhava o lanche com o Zacarias entendeu? eu mudei minha opinião questão de conversar...** (Depoimento de José, indivíduo em situação de rua, retirado do vídeo *José, um idoso morando na rua*, produzido pela ONG SP Invisível, grifos meus)

Observamos, no trecho acima, críticas feitas pelo locutor à Igreja Católica, como hipocrisia por discriminar pessoas em situação de rua. O locutor ainda analisa como essa discriminação é inconsistente com os valores do catolicismo, pois já foi seminarista e considera que, à luz dos ensinamentos bíblicos, toda forma de preconceito seria antagônica ao pensamento cristão.

Entendemos que as experiências religiosas do locutor influenciam posicionamento, com diversas marcas avaliativas (“as maiores dificuldades geralmente é a discriminação né por eXEmplo... ah o comércio não deixa a gente entrar pra usar o banheiro... **se desconfiar que a gente é pé de chinelo e:: e é da rua eles não deixa entrar...**”/“**mas ISSO aí e escondendo a discriminação são aqueles que a discriminação é PEcado:: mas eles mesmo praticam...** São Bonifácio que é doutor da igreja escrevia ‘naquilo que tu CONdenas tu igualmente o praticas’”).

8.4 “Eu perdi a alegria em viver”

O depoimento abaixo pertence à Thaís (nome inteiro não divulgado), que assim como José foi filmada enquanto conversava com um voluntário da ONG, na região central de São Paulo. Seu depoimento atravessa assuntos como dificuldades de mulheres em situação de rua, violência por parceiros e a morte de sua filha adolescente, Nicole.

Thaís: eu sou humilde... humilde acima de tudo... **já ERREI muito na vida... já fiz muiTA coisa erraDA... mas entre erros e acertos eu já sofri muito TAMBém por confiar em pessoas erradas... dei muito meu coração dei minha vida SÓ me fer-rEI... HOje hoje eu sou uma Thaís amarga amargurada... sem vontade de viver... que tiraram o que eu tinha mais de precioso foi minha filha...** então pra mim... depois disso... eu só vivo por causa das pequena né que tá no SAICA ((fungada)) desculpa... porque tá no SAICA porque se não fosse elas pra mim tanto fez tanto faz...
 Voluntário: E como é que foi essa situação do falecimento da sua filha?
 Thaís: Foi... ela tava:: a Nicole foi lá na Condessa Amália Matarazzo no Peri... **ela tinha catorze anos corpo de dezoito se envolveu com um cara... o cara era traficante...**

Voluntário: ela tinha catorze anos?

Thaís: não tem um ano... o cara era traficante e levou - minha filha tava dentro do barraco... ela se envolveu com lança e dois cara bateu na minha filha... eu não fui nem no enterro da minha filha porque eu tava morando no Sol Nascente num pude nem ir no enterro da minha filha... e ela me procurou me disse que dois dias ela/ minha filha queria me ver e não deu tempo... **ela tava morando comigo e ela falou que só ia sair do mundo errado quando as irmã dela/ quando ela morasse comigo com as irmãs dela...** comigo ela brincava de boneca... e na rua os outros falava que ela fazia isso e aquilo eu num... comigo não...

(...)

Thaís: Foi meu meu ex-marido::...

Voluntário: que que ele fez com você?

Thaís: na Guaicurus:: ele tinha vindo do bar a gente tava junto a gente tava bebendo () passou na Guaicurus ele muito LOUco... **fui falar com ele ele correu atrás de mim nós discutiui ele começou a bater... DEZ dias antes já tinha um B.O. dele por causa disso aqui... ((aponta para a tēmpora))**

Voluntário: por que ele tinha machucado seu rosto?

Thaís: chute na minha cara... aí o () me trancou e coRREU... aí os pessoal passou na Aurélia chamou a polícia **eu fui socorrida fiz um B.O. dez dias ele fez isso aí fui socorrida perdi os sentidos acordei na Santa Casa com a delegada me acordando a delegada falou "Thaís ele tá preso tá? só não sei quanto tempo"...** aí depois fui transferida pras Clínicas fiz uma cirurgia vou fazer outra a perna não não dobra... e tipo assim... não tem mais aquele movimento vou fazer outra cirurgia... certo? não sei o médico falou assim que... vai depender muito né... fisioterapia e tudo...
 (Depoimento de Thaís, mulher em situação de rua, retirado do vídeo "Eu perdi a alegria em viver", produzido pela ONG SP Invisível, grifos meus)

No depoimento, a locutora discorre sobre a morte da filha adolescente e seus detalhes. Como nos depoimentos do vídeo *Morando na rua, como é o Natal?*, a locutora expressa como a perda de um ente querido alterou sua vida e, nesse caso, seu cotidiano para além dos períodos festivos. Observamos, nesses fragmentos, que a filha da locutora foi assassinada por consequências de um relacionamento amoroso, e ao mesmo tempo a própria locutora foi vítima de violência por parte de seu ex-marido, o que expõe novamente a vulnerabilidade das mulheres em situação de rua.

Conforme apontado nas análises dos depoimentos do vídeo *A vida da mulher morando na rua*, temos aqui outra mulher que se reconhece como vítima de uma opressão estrutural. Quando fala da própria filha, a locutora não deixa explícito se também a considera como vítima de violência estrutural apesar de o tráfico de drogas e o feminicídio serem consequências da organização estrutural pautada em desigualdades. Entretanto, é explícito que a adolescente, no contexto sexista da sociedade brasileira, já era vista de forma sexualizada

precocemente (“ela tinha catorze anos corpo de dezoito se envolveu com um cara... o cara era traficante...”), e essa avaliação social influencia o fragmento da locutora, que reafirma a aparência de sua filha sem ressalvas.

No depoimento de Thaís, um aspecto que se sobressai é o uso muito frequente de pronomes possessivos e pessoais de primeira pessoa e também o uso de seu próprio nome (HOje hoje eu sou uma Thaís amarga amargurada...). Podemos perceber que, enquanto traço essencial do gênero depoimento, o uso desse tipo de pronome também auxilia a organização do tema do enunciado falado, pois orienta o locutor no detalhamento do enunciado. As inserções da locutora em seus enunciados também fazem uso da entonação para enfatizar experiências que a prejudicaram (“já ERREI muito na vida... já fiz muiTA coisa erraDA... mas entre erros e acertos eu já sofri muito TAMBém por confiar em pessoas erradas... dei muito meu coração dei minha vida SÓ me ferrEI...”); observamos também que a ênfase introduz, aos poucos, as situações traumáticas vividas por Thaís (a morte de sua filha e os episódios de agressão pelo ex-marido).

9 A construção composicional dos enunciados

Os depoimentos constituintes do *corpus*, como explicado previamente, são produzidos e divulgados pela ONG SP Invisível, que realiza alguns cortes nas gravações, logo não temos acesso às interações discursivas em sua totalidade. Por conta disso, podemos observar que os enunciados presentes nos vídeos *Eu perdi a alegria em viver* e *José, um idoso morando na rua* apresentarão mais aspectos particulares de interações discursivas, como simetria e assimetria da conversação, tipologia e distribuição de turnos conversacionais, função e gestão de turnos, entre outros (Galembeck, 1993, p.70). Por outro lado, os enunciados presentes nos vídeos *A vida da mulher morando na rua* e *Morando na rua, como é o Natal?* não apresentam os enunciados de voluntários da ONG em sua totalidade, o que não significa que os enunciados dos indivíduos em situação de rua são monológicos, mas sim que não temos acesso às interações discursivas completas. Por conta disso, as análises deste tópico se debruçarão sobre os dois primeiros vídeos citados previamente.

Para Volóchinov, a interação discursiva é a realidade fundamental da língua, que tem no diálogo sua forma mais importante (2017, p. 219). A construção composicional de enunciados considera a situação e o contexto social em que são produzidos e o auditório – quem escuta e responde aos enunciados. Nesse aspecto, Bakhtin discorre que:

A quem se destina o enunciado, como o falante (ou o que escreve) percebe e representa para si os seus destinatários, qual é a força e a influência deles no enunciado - disto dependem tanto a composição quanto, particularmente o estilo do enunciado. (...)

Ao falar, sempre levo em conta o campo aperceptivo da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias - tudo isso irá determinar a sua ativa compreensão responsiva do meu enunciado. Essa consideração irá determinar também a esco-

O endereçamento, em interações discursivas, influencia a composição do enunciado, que se molda a partir da impressão que o locutor tem do “campo aperceptivo da percepção” do seu discurso pelo destinatário. Conforme exposto em outras seções do artigo, os participantes sociais imediatos, ou seja, os primeiros receptores desses enunciados, são os voluntários da ONG SP Invisível, o que leva ao estilo informal dos enunciados, pois os locutores têm relação amigável com os integrantes da organização. Entretanto, considerando que os enunciados são registrados com o propósito de realizar campanhas sociais, os locutores estão cientes da recepção de suas falas por dois públicos: inicialmente os membros da ONG, e posteriormente qualquer pessoa que acesse o conteúdo *online* da organização.

Apesar de não existirem interações diretas entre os indivíduos em situação de rua e o público virtual, o fato de que esses enunciados serão divulgados também influencia as falas dos locutores. Existe a confiança nos integrantes da ONG, que permite a informalidade nos depoimentos, mas a exposição do conteúdo impede a abordagem de temas muito íntimos (apesar dos temas propostos pela ONG possuírem forte caráter pessoal). Esse aspecto da construção composicional também é comentado por Bakhtin:

Os gêneros e estilos íntimos se baseiam na máxima proximidade interior do falante com o destinatário do discurso (no limite, como que na fusão dos dois). O discurso íntimo é impregnado de uma profunda confiança no destinatário, em sua simpatia – na sensibilidade e na boa vontade da sua compreensão responsiva. (Bakhtin, 2019 [1952-53], p. 66)

Considerando que os enunciados aqui analisados constituem depoimentos sobre temas específicos, entendemos que suas construções composicionais apresentam algumas características típicas ao gênero depoimento, combinadas com características de gêneros cotidianos em momentos que se aproximam da conversação. Por isso, como forma de aprofundar a análise dessa seção, utilizaremos alguns conceitos da análise da conversação, que contribuem para o entendimento da organização e construção dos enunciados.

9.1 José, um idoso morando na rua

Iniciaremos as análises com as interações discursivas presentes no vídeo *José, um idoso morando na rua*. O vídeo apresenta mais interações discursivas em alguns momentos devido à relação de amizade entre o idoso em situação de rua e o voluntário da ONG, que já se conheciam antes por conta das atividades da organização.

Voluntário: sabe quando que a gente conversou? foi dia dezessete do onze de dois mil e catorze...

José: dois mil e catorze eu ainda não tava no meu quarto lá na cracolândia eu arrumei depois um quarto lá... bem vizinho da... do... dessa área da cracolândia e fiquei Olto anos lá... até que o prefeito derrubou o prédio...

Voluntário: quando você tirou essa foto aí foi há SETE anos atrás... de sete anos pra CÁ como que aconteceu aí na sua vida?

José: aconteceu que eu aluguei um quarto lá na Princesa Isabel aluguei um quarto e fiquei oito ano morando lá... e agora o prefeito derrubou o meu quarto vendeu o meu prédio para Porto Seguro fazer uma faculdade e nós fomo espiRRAdo né... fomo espiRRado e agora:: num me deram nenhum tipo de orientação... e NEM pude pegar minhas coberta eu tive que eu tive que ganhar tudo na rua porque os guarda da prefeitura num deixaram nem levar as coberta nossa e foi de oito anos que eu paguei vinte real todo dia ali... de diária... e lá a gente tinha um um telhadinho né agora perdemo esse telhadinho tamó como BUDA né aquele filósofo hindu Buda morou cem ano embaixo de uma árvore ((aponta para cima)) eu tô igual o Buda agora... as maiores dificuldades geralmente é a discriminação né por eXEmple... (...) a igreja católica deixa todo mun/ eles têm banheiro lá dentro mas não deixa nós usar... o próprio padre discrimina nós né... nós somos discriminado até pela nossa igreja né... quer dizer POde entrar os PMs os polícia vão lá no banheiro vai os burgueses que têm apartamento mas nós os pé de chinelo eles não permite que nós entre... eu já sofri discriminação de tudo que é tipo... eu como EX seminarista eu aprendi a amar as pessoas por aque/ o que as pessoas são diante de Deus e da:: da da grande escritura... são seres que foram criados por Deus um pode ser judeu outro pode ser árabe aquele outro ali pode ser um um de uma raça diferente da minha... (...) então nós somos assim se nós não se/ não tivermos orientação espiritual a gente passa naturalmente a num gostar DEsse a detestar aquele a num aceitar aquele outro... (Enunciados retirados do vídeo *José, um idoso morando na rua*, produzido pela ONG SP Invisível)

Inicialmente, as interações entre o voluntário e o locutor não são extensas, com exceção da resposta de José à pergunta sobre os acontecimentos de sua vida nos últimos sete anos. Observamos que a conversa entre os locutores se configura enquanto uma conversação assimétrica, na qual José constrói os enunciados de maneira mais extensa, expondo detalhadamente seus pontos de vista. As perguntas, no gênero depoimento, e especificamente em depoimentos de pessoas marginalizadas, permitem que ele se manifeste e que se sinta escutado.

A conversação assimétrica, nesse caso, serve para *destacar a fala do locutor*, já que seus enunciados foram registrados para a conscientização da discriminação contra pessoas em situação de rua, por parte da ONG, nas redes sociais; também é resultado da percepção de José sobre seu ouvinte, que já é seu conhecido, ou seja, o campo aperceptivo influencia a organização de seu enunciado com base nas interações anteriores entre os dois. A extensão do enunciado de José não se dá pelo desentendimento ou desinteresse por parte do ouvinte imediato, mas sim pelo objetivo da organização do gênero depoimento: garantir que o interlocutor fale livremente sobre sua situação social ao mesmo tempo que é acolhido pelos voluntários.

Voltemos ao diálogo real. Como já dissemos, trata-se da forma mais simples e clássica de comunicação discursiva. A alternância dos sujeitos do discurso (falantes), que determina os limites dos enunciados, está aqui representada com excepcional evidência. Contudo, em outros campos da comunicação discursiva, inclusive nos campos da comunicação cultural (científica e artística), de organização complexa, a natureza dos limites do enunciado é a mesma. (Bakhtin, 2016 [1952-3], p. 34)

Segundo Bakhtin, os enunciados são limitados (e, assim, estruturados) pela alternância de locutores, e, portanto, a interação discursiva entre sujeito em vulnerabilidade social e

voluntário apresenta algumas características que evidenciam o objetivo da ONG (conscientização social); além de temas propostos pela organização, o estímulo para que o locutor tenha falas extensas também expõe seu objetivo.

O enunciado de José tem caráter narrativo, especialmente ao falar sobre seu despejo e sua experiência como seminarista. Considerando o que foi dito pelo voluntário, ele descreve o local em que morava e relata como foi expulso de lá, levando-o novamente à situação de rua. O locutor organiza seu enunciado, inicialmente, de maneira cronológica, e então adiciona informações para detalhar sua vida após o despejo, o que o leva a se aprofundar em seu relato enquanto seminarista ao contar um acontecimento que tem influência relevante em sua vida. José também aborda seu passado de seminarista para justificar sua posição em relação ao preconceito da Igreja Católica com pessoas em situação de rua. O enunciado de José, além de ser organizado com base em interações anteriores com o membro da ONG, também se organiza cronologicamente e de forma crítica à discriminação que enfrenta por ser um indivíduo em situação de rua. Ele ainda enfatiza que essa discriminação é causada pelo Estado, por organizações privadas e pela Igreja.

9.2 “Eu perdi a alegria em viver”

No vídeo “*Eu perdi a alegria em viver*”, um voluntário da ONG conversa com Thaís sobre as dificuldades de ser uma mulher em situação de rua e questões pessoais, como a morte de sua filha adolescente e a violência por parte de seu ex-marido.

Voluntário: e Thaís quais que são as maiores dificuldades da/ de:: de uma mulher morando na rua?

Thaís: então:: pra mim a maior dificuldade é que eu tinha uma casa eu tinha um lar eu tinha uma vida... larguei tudo por esse cara... a maior dificuldade da mulher é o sanitÁrio é:: as opressões que ocorre... uhn tipo Além das opressões:: sanitÁrio as coisas/ o RiSco que tu corre na rua... dependente TEM as mulheres e tem A MULher dependente () nunca fui de rua então SEMpre trabalhei então sempre andei BONita maquiada então (isso) também ocorre muito vem dá em cima:: tem uns cara que mora na rua TEM muiTA gente trabalhadeira...

[

Voluntário: o pessoal não respeita às vezes?

Thaís: às vezes não - tem muitos - assim eh:: tem uns cara não é nem que mora aqui ma::/ mas a maioria respeita porque é muito trabalhador... mas tem cara que não respeITA... cê entendeu a roupa que tu usa te julGA muito na rua...

Entrevistador: sim e você gosta de andar arrumada né? é o seu estilo...

Thaís: eu gosto de andar arrumada...

[

Voluntário:: bonitona... né? eu vi que cê passou ali já me deu oi::

EXpansiva::...

Thaís: eu sou:: eu sou... fui divulgadora fui copeira no DHPP.. cozinheira no num italiano (da) Heitor Penteado... eu sou humilde... humilde acima de tudo... já ERREI muito na vida... já fiz muiTA coisa erraDA... mas entre erros e acertos eu já sofri muito TAMBém por confiar em pessoas erradas... dei muito meu coração dei minha vida SÓ me ferrEI... HOje hoje eu sou uma Thaís amarga amargurada... sem vontade de viver... que tiraram o que eu tinha mais de precioso foi minha filha... então pra mim... depois disso... eu só vivo por causa das pequena né que tá no

SAICA ((chora e soluça)) desculpa... porque tá no SAICA porque se não fosse elas pra mim tanto fez tanto faz...

Voluntário: E como é que foi essa situação do falecimento da sua filha?

Thaís: Foi... ela tava:: a Nicole foi lá na Condessa Amalia Matarazzo no Peri... ela tinha catorze anos corpo de dezoito se envolveu com um cara... o cara era traficante...

Voluntário: ela tinha catorze anos?

Thaís: não tem um ano... o cara era traficante e levou - minha filha tava dentro do barraco... ela se envolveu com lança e dois cara bateu na minha filha... eu não fui NEM no enTerro da minha filha porque eu tava morando no Sol Nascente num pude nem ir no enterro da minha filha... e ela me procurou me disse que dois dias ela/ minha filha queria me ver e não deu tempo... ((chora)) ela tava morando comigo e ela falou que só ia sair do mundo errado quando as irmãs dela/ quando ela morasse comigo com as irmãs dela... comigo ela brincava de boneca... e na rua os outros falava que ela fazia isso e aquilo eu num... comigo não... ((soluça))

Voluntário: e as suas outras filhas agora também sentem falta dela?

Thaís: ô:: a Isa de seis anos é a cara dela... é a cara dela... eu fui mãe eu cuiDEI ((aponta para o peito))... ela morou com a avó mas o mais importante não é dinheiro roupa de marca e sapato são abra::ço bei::jo... deitar no meu COlo... até hoje eu olho pro céu e falo “Nicole a mãe te ama”... eu amo minha filha... ((soluça))

Voluntário: cê tem alguma ALEgria hoje?

Thaís: só quando eu falo com a Isa com as minha pequena só alegria de momento só...

Voluntário: e seu sonho é?

Thaís: minhas filhas e minha casa... minha casa assim tem a casa já minhas filhas comigo só...

Voluntário: e hoje você não consegue ter suas filhas com você?

Thaís: CONsigo:: eu que coloquei no SAICA todo sábado tudo... mas () eu tive um AVC agora vinte dias atrás eu tive uma parada cardíaca... por causa disso aqui que ele fez... ((aponta para a perna)) (Depoimento de Thaís, mulher em situação de rua, retirado do vídeo “*Eu perdi a alegria em viver*”, produzido pela ONG SP Invisível)

A interação discursiva nesse vídeo apresenta mais alternâncias entre os locutores, e diferente do anterior não apresenta falas tão extensas por parte da locutora – é possível dizer que esses enunciados estão mais próximos do gênero entrevista, pela organização composicional.

A transcrição apresenta uma conversação assimétrica – o voluntário apenas faz perguntas curtas, enquanto Thaís responde com falas extensas (porém curtas em relação ao depoimento anterior). Como discutido previamente, os voluntários da organização tendem a questionar mais, ao invés de comentar as falas dos indivíduos em situação de rua, de forma que estes se sintam mais confortáveis em discorrer sobre os temas dos enunciados. Isso serve ao propósito da ONG de oferecer escuta ativa e também divulgar a marginalização social enfrentada por pessoas em situação de rua.

Os fragmentos apresentados dessa interação contêm um conteúdo mais íntimo do que os trechos da primeira análise, de forma que a entrevistada apresenta mais pausas em suas falas, o que instiga o voluntário a fazer mais perguntas.

As pausas nesses fragmentos (“Thaís: Foi... ela tava:: a Nicole foi lá na Condessa Amalia Matarazzo no Peri... ela tinha catorze anos corpo de dezoito se envolveu com um cara... o cara era traficante...”) implicam que a locutora espera uma resposta do destinatário, pois os temas abordados apresentam caráter íntimo e trágico. Entretanto, conforme os objetivos da organização, o voluntário contribui para o desenvolvimento do tema ao fazer as perguntas para a

locutora. Podemos considerar, nesse contexto, que as pausas são *marcadores de busca de apoio para a progressão da interação*, como se a locutora aguardasse a reação de seu ouvinte para avaliar se deve ou não continuar a desenvolver o assunto.

O depoimento de Thaís também apresenta caráter narrativo ao abordar a morte da filha Nicole, principal motivo para sua amargura e seus arrependimentos. Ela afirma que a adolescente, aos 14 anos, já aparentava ser uma jovem adulta, o que a teria levado ao relacionamento com um homem mais velho e a se envolver em atividades criminosas. Esse relacionamento seria a causa da morte de Nicole, que faleceu após um espancamento. Contada cronologicamente, a história apresenta seu clímax com a morte da adolescente; para Thaís, parte do choque com a perda da filha acontece pelo relacionamento tranquilo entre as duas (“comigo ela brincava de boneca... e na rua os outros falava que ela fazia isso e aquilo eu num... comigo não...”).

Em relação ao que outras pessoas falaram sobre a jovem (insinuando comentários negativos), Thaís se posiciona de forma polêmica, estabelecendo relações dialógicas de polêmica aberta e velada. O choque do falecimento é acentuado pelo desejo de Nicole de se reunir com a família e sair do relacionamento conturbado, indicativo de que a adolescente buscava melhorar sua condição de vida, e que para Thaís criou expectativas de que a filha voltaria para casa.

A quebra dessas expectativas de maneira tão violenta é grande fonte de sofrimento para a locutora, que tem certa dificuldade em falar sobre o assunto, evidenciado pelas pausas no diálogo e por seu choro. Ao falar sobre a morte da filha, Thaís destaca seus sentimentos e *estado de espírito*, de forma confessional, especialmente quando explica que “conversa” com a filha (“até hoje eu olho pro céu e falo ‘Nicole a mãe te ama’... eu amo minha filha...”), ou seja, ela estabelece uma interlocução com a filha em um plano espiritual, metafísico, guiada por seu afeto e sofrimento de mãe. A contundência desse depoimento poderia gerar a compaixão do interlocutor da ONG, mas, na transcrição, sua reação é bastante contida (“cê tem alguma ALEgria hoje?”).

Ao contrário de José, Thaís deixa claro que seu principal problema (o falecimento da filha), foi causado por traficantes, e não por instituições como a Prefeitura ou a Igreja. A partir disso, entendemos que a população em situação de rua é vulnerável tanto a violências institucionais quanto criminosas – é uma população que enfrenta adversidades propiciadas por qualquer esfera social, extremamente desamparada. Essas violências podem até mesmo se complementar, pois não existem grandes projetos de acolhimento a indivíduos em situação de rua (ao menos em São Paulo), o que os torna vulneráveis a agressões por criminosos como traficantes, ladrões, estupradores, entre tantos outros. A preocupação com violência sexual é constante e expressada em trechos do vídeo *A vida da mulher morando na rua*:

ou você é/ sofre violências como eu disse por parte da população... né os moradores lo::cais os transeun::tes ou pelos próprios morador de rua que a maioria são de sexo masculino e são homens muito machis::tas usuários de á::lcool usuários de outras substâncias psicoativas e eles também estão muito alterados... e eles têm uma imagem de uma mulher como uma mulher PROstituta a mulher que está na RUA como mulher maloqueira mulher prostituta... (Depoimento de Maria Solange, mulher em situação de rua, retirado do vídeo *A vida da mulher morando na rua*, produzido pela ONG SP Invisível)

ele só queria mesmo DORmir no mesmo espaço que EU... só que aí como ele começou a passa a mão na minha perna eu achei de outra forma... (Depoimento

de Regiane Cristina, mulher em situação de rua, retirado do vídeo *A vida da mulher morando na rua*, produzido pela ONG SP Invisível)

A preocupação com violência sexual é constante e expressada nos enunciados presentes no vídeo *A vida da mulher morando na rua*, no qual as locutoras descrevem o medo também de homens em situação de rua, que podem agredi-las sexualmente. Além do preconceito e das agressões diárias sofridas por pessoas em situação de rua, até mesmo entre esses indivíduos ocorrem violências pautadas em misoginia, homofobia, racismo, entre outros. O desamparo pelo Estado também é um facilitador para esse tipo de situação.

10 Conclusão

Em seu ensaio *A Construção do Enunciado* (2019[1930]), Volóchinov descreve que um indivíduo totalmente marginalizado, excluído de qualquer vivência social, tem seu ouvinte interior destruído.

Quando o indivíduo é excluído da existência social e tem o seu sistema habitual de avaliações e pontos de vista destruído, não resta nada na sua consciência devastada que possa servir de expressão de autoridade e reconhecimento do comportamento social produtivo e ideologicamente justificado. (Volóchinov, 2019[1930], p.278).

Ao longo de nossa pesquisa, objetivamos **compreender quais eram os possíveis impactos da marginalização social em enunciados e interações discursivas de pessoas em situação de rua**. Para tanto, analisamos enunciados de pessoas marginalizadas, em situação de rua, dentro de um gênero discursivo relativamente estável – o depoimento – e constatamos que, em relação a enunciados e interações discursivas de indivíduos em outras classes sociais, não existem diferenças que demonstrem que seu ouvinte interior foi destruído e que sua consciência não tem vivências sociais.

O trabalho da ONG SP Invisível pautado em depoimentos implica que as pessoas em situação de rua não apenas conseguem orientar socialmente seus enunciados ao ouvinte, mas também são capazes de organizar esses enunciados de acordo com um gênero discursivo relativamente estável, com particularidades referentes ao endereçamento, uso de primeira pessoa, turnos e réplicas entre locutores. Com a construção de enunciados adequada ao gênero depoimento, consideramos ainda que as pessoas em situação de rua dominam os pequenos gêneros cotidianos, necessários ao desenvolvimento posterior de outros gêneros discursivos.

Mesmo que extremamente marginalizadas, as pessoas em situação de rua participam ativamente da sociedade (inclusive nas relações laborais) se organizam em grupos, ou seja, suas capacidades discursivas não são afetadas. O preconceito é um dos principais fatores para a interação discursiva ocorrer com menos frequência entre indivíduos em situação de rua e indivíduos com melhores condições sociais e financeiras.

Observamos que esse preconceito está presente diversas esferas sociais e instituições públicas, privadas e religiosas (como a Prefeitura Municipal, a Porto Seguro e a Igreja Católica, como elucidado no depoimento de José). Além disso, perpassa diversas classes sociais, é solo fértil para atividades criminosas (como o assassinato da filha de Thaís, cometido por traficantes).

tes) e tem nuances até mesmo entre a própria população em situação de rua (como relatado pelas locutoras assediadas sexualmente por homens em situação de rua). Entendemos que a morte de Nicole não é ação direta da aporofobia, mas seria evitável se sua condição socioeconômica fosse outra. No caso das mulheres, o assédio sexual também é uma consequência da vulnerabilidade enfrentada por elas em situação de rua.

Portanto, mesmo enfrentando exclusão social extrema, a análise de depoimentos de pessoas em situação de rua não revelou perda da consciência social e da capacidade de elaborar enunciados cotidianos socialmente orientados, mas sim refletiu e refratou diferentes pontos de vista e experiências de vida, a saber: a relação entre Natal e a perda de entes queridos, bem como o reconhecimento da marginalização, que parte do Estado e tem continuidade em diferentes grupos sociais.

Declaração de autoria

Valentina Nicolino Pereira: desenvolvimento da pesquisa, transcrição e análise do *corpus* selecionado, escrita e revisão do artigo.

Sheila Vieira de Camargo Grillo: orientação da pesquisa e revisão do artigo.

Referências

AMÉRICO, E. V., GRILLO, S. *Registros de Valentin Volóchinov nos arquivos do ILIAZV*. In VOLÓCHINOV, V.: A palavra na vida e a palavra na poesia. São Paulo: Editora 34, 2019. p.7-53

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016[1952-3]

BAKHTIN, M. *Questões de estilística no ensino da língua*. Trad. S. Grillo e E. V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2013

BAKHTIN, Mikhail M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Trad. de Paulo Bezerra 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010[1963].

BENVENISTE, E. Estrutura das relações de pessoa no verbo. *Problemas de linguística geral I*. Trad. M. da G. Novak e Maria Luiza Neri. Campinas, Pontes, 1991[1946]. p. 247-259.

BRAIT, B. O processo interacional. In: PRETI, D. *Análise de textos orais 1*. 5. ed. São Paulo: Humanitas, 2001. p. 189-214.

CASTILHO, A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CORTINA, A. *Aporofobia: a aversão ao pobre, um desafio para a democracia*. Trad. Daniel Febre. São Paulo: Contracorrente, 2020.

FÁVERO, L. L. O tópico discursivo. In PRETI, Dino (org.) *Análise de textos orais*. 6ª ed. São Paulo: Humanitas, 2003. p. 39-63.

GABLER, I. As falas do réu. *Sínteses - Revista dos cursos de pós-graduação*, vol. 2, p. 135-144. Campinas, 1997.

- GALEMBECK, P. de T. O turno conversacional. In PRETI, D. (org.) *Análise de textos orais*. 6ª ed. São Paulo: Humanitas, 2003. p. 65-92.
- GRILLO, S. V. C. Épistémologie et genres du discours dans le cercle de Bakhtine. *Linx*, Nanterre, v. 56, p. 19-38, 2007.
- HOOKS, B. *Teoria feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Trad. S. Grillo, E. V. Américo. São Paulo: Contexto, 2012.
- MOURA NEVES, M. H. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- PEREIRA, R. A.; RODRIGUES R. H. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 177-194, jan./abr. 2014
- ROZENDO, A.; ROZENDO, S. S. Vida de rua: experiências, caminhos e desvios. In: *Revista de Psicologia da Unesp*, n.11, p.14-26, 2012.
- SP INVISÍVEL. “Eu perdi a alegria em viver”. Disponível em <<https://youtu.be/A6sd4wla544>>. Acesso em: 30 out. 2022.
- SP INVISÍVEL. A vida da mulher morando na rua. Disponível em <https://youtu.be/YX_oSWshgXc>. Acesso em: 30 out. 2022.
- SP INVISÍVEL. Morando na rua, como é o Natal?. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=4nN4ZFFkbk8>> . Acesso em: 7 jan 2023.
- SP INVISÍVEL. José, um idoso morando na rua. Disponível em <<https://youtu.be/cd6TkWyVlp4>>. Acesso em: 8 jan 2023.
- URBANO, H. Marcadores conversacionais. In PRETI, Dino (org.) *Análise de textos orais*. 6ª ed. São Paulo: Humanitas, 2003. p. 93-116.
- VOLÓCHINOV, V. N. A palavra na vida e a palavra na poesia. In: VOLÓCHINOV, V. N. *A palavra na vida e a palavra na poesia*. São Paulo: Editora 34, 2019[1926]. p.109-146
- VOLÓCHINOV, V. N. Estilística do discurso literário I: O que é a linguagem/língua?. In: VOLÓCHINOV, V. N. *A palavra na vida e a palavra na poesia*. São Paulo: Editora 34, 2019[1930]. P.234-265
- VOLÓCHINOV, V. N. Estilística do discurso literário II: A Construção do Enunciado. In: VOLÓCHINOV, V. N. *A palavra na vida e a palavra na poesia*. São Paulo: Editora 34, 2019[1930]. p.266-305
- VOLÓCHINOV, V. N.. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017[1929].